

PT

A razão persegue a verdade, a verdade busca o universal, mas o desejo volta-se sempre ao imediato e ao possível-e é dessa disjunção que nasce o conflito: aquilo que agrada aos sentidos raramente coincide com o que a razão reconhece como belo. Se a obra de Luisa Brandelli fosse uma parte do corpo, seria aquela pele interna da boca, território entre o visível e o invisível; se fosse um momento, seria o instante exato em que uma lágrima solitária hesita no canto do rosto antes de cair, ou quando o rosto cora. Seus objetos não são a obra; são pretextos para um trabalho que acontece inteiramente no ato de olhar. O que interessa não está na curva da tampa ou no brilho do fio cintilando no tecido, mas no gesto de domesticação do olhar que esses materiais provocam. Brandelli não seduz-ela treina. Há aqui uma repetição obsessiva, quase compulsiva: cada objeto retorna, cada gesto se refaz, como se a artista estivesse presa num ciclo de tentativas de congelar algo que insiste em escapar. Essa obsessão pela repetição não é acumulativa, mas erosiva-desgasta o próprio ato de olhar até que reste apenas o esqueleto do desejo. Existe um anseio misterioso inscrito na lógica desses trabalhos: esconder a beleza para depois revelá-la, guardá-la como quem espera para devorar. Suas criaturas confundem deliberadamente pintura e escultura, recusando classificação não por excesso, mas por uma ausência calculada que se traveste de sensualidade. Os materiais-cartão, glitter, tecido-falam de fragilidade, mas também de um gesto que ridiculariza a própria noção de preciosidade ao mesmo tempo que a reivindica. Há tensão entre estrutura e desintegração, entre o impulso em direção ao transcendente e a recusa em abandonar a superfície. Como se a alma aqui se deleitasse primeiro nos bens menores, confundindo brilho com luz, repetindo o erro até que ele se torne método. Por um ano ela observou essa fotografia de uma casal desconhecido, que encontrou na rua. Por uma ano ela observa o amor, e é esse amor que domestica seu trabalho, esses inanimados animais selvagens e sozinhos.

- Matheus Yehudi Hollander

EN

Reason pursues truth, truth seeks the universal, but desire always turns toward the immediate and the possible—and it is from this disjunction that conflict is born: what pleases the senses rarely coincides with what reason recognizes as beautiful. If Luisa Brandelli's work were a part of the body, it would be that inner skin of the mouth, a territory between the visible and the invisible; if it were a moment, it would be the precise instant when a solitary tear hesitates at the corner of the face before falling, or when the face blushes. Her objects are not the work itself; they are pretexts for a labor that happens entirely in the act of looking. What matters is not in the curve of the lid or in the glint of the thread shimmering on the fabric, but in the gesture of taming the gaze that these materials provoke. Brandelli does not seduce—she trains. There is an obsessive, almost compulsive repetition here: each object returns, each gesture remakes itself, as if the artist were caught in a cycle of attempts to freeze something that insists on escaping. This obsession with repetition is not accumulative but erosive—it wears down the very act of looking until only the skeleton of desire remains. A mysterious yearning inhabits the logic of these works: to hide beauty only to reveal it later, to guard it as one waits to devour it. Her creatures deliberately blur the line between painting and sculpture, refusing classification not out of excess, but through a calculated absence disguised as sensuality. The materials—cardboard, glitter, fabric—speak of fragility, but also of a gesture that mocks the very notion of preciousness even as it claims it. There is tension between structure and disintegration, between the impulse toward the transcendent and the refusal to abandon the surface. As if the soul here delighted first in lesser goods, mistaking shine for light, repeating the mistake until it becomes method. For a year she observed this photograph of an unknown couple, found in the street. For a year she observed love—and it is this love that domesticates her work, these inanimate, wild, and solitary animals.

— Matheus Yehudi Hollander